



# A CARTOGRAFIA E AS TDIC COMO FERRAMENTAS PARA A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA EM UM CURSO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Juliano Ribeiro de Oliveira\*, Renato Pereira Aurélio\*\*

\*UNEB; E-mail: [jpikachu@gmail.com](mailto:jpikachu@gmail.com).

\*\*IFES; CEFET-MG; E-mail: [renatoaureliomg@yahoo.com.br](mailto:renatoaureliomg@yahoo.com.br).

**Resumo:** Este trabalho visa a fomentar a praticidade do ensino da cartografia, a partir de uma proposta que está em andamento em um curso técnico em Análises Clínicas do PROEJA Médio. Busca-se estimular a curiosidade do estudante para a pesquisa através de análises de dados obtidos e mapeados pelos mesmos. Assim, com um embasamento teórico, a partir das TDIC, espera-se que os alunos tornem-se seres ativos, fomentando políticas públicas para a melhoria das suas comunidades.

**Palavras-chave:** Geografia; Cartografia; TDIC; Educação Profissional.

## 1 Introdução:

O mundo globalizado vem proporcionando diversas formas de trabalho. O mercado está em plena expansão e como consequência vem exigindo uma melhora na qualificação profissional. O papel de qualificar a população economicamente ativa ficou a encargo do Estado. Neste sentido, este trabalho visa a refletir sobre a importância da cartografia temática e das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) como alternativa para o ensino e a aprendizagem de Geografia em cursos da Educação Profissional.

Buscando se qualificarem e almejando melhoria de vida, muitos jovens se matriculam nos cursos ofertados, principalmente os disponíveis na Rede Pública. Um entrave nesta modalidade de ensino é que o Estado vem oferecendo tais cursos, concomitantemente com o Ensino Médio, conciliando o currículo das disciplinas específicas (técnicas) com as da “grade” regular. Esta é uma questão delicada, principalmente no caso do PROEJA



Médio, que além destes problemas elencados, enfrenta outra questão, a saber, a diminuição da carga horária.

Neste estudo busca-se refletir sobre as metodologias na área das ciências humanas, especificamente, no Componente Curricular Geografia, para que as abordagens em sala de aula se tornem menos cansativas e consigam atingir seu público-alvo: os alunos do curso técnico em Análises Clínicas do PROEJA Médio de Barra do Choça, Distrito de Vitória da Conquista - BA. Através dessa proposta que está em andamento, espera-se que os alunos possam decifrar a linguagem cartográfica e a partir deste contexto, conhecer o seu lugar e a realidade em que vivem, a fim de agir para a transformação da comunidade.

## 2 Educação Profissional e o cenário de desenvolvimento econômico do Brasil

O modelo de desenvolvimento econômico implantado no Brasil, especialmente nas últimas décadas, com uma crescente valorização do lucro exacerbado dos industriais, latifundiários e banqueiros, em detrimento do ser humano tem contribuído espantosamente para o crescimento da pobreza, da violência e da miséria. Neste sentido, a baixa escolarização e o desemprego constituem problemas encontrados em toda parte do país. Esta doutrina imposta pelo ideário neoliberal em prol da “livre” concorrência do mercado remeteu o Estado à redução de suas funções, dirigindo assim a árdua tarefa de assumir tal responsabilidade à sociedade civil e, sobretudo às ONGs, que, em sua maioria, oferecem de forma precária, os serviços de competência do Estado. Na análise de Mattoso *apud* Silva (2009):

As políticas sociais, que já eram precárias, pouco cidadãs, apesar de pretensamente universais, com o agravamento das condições econômicas do Mundo do Trabalho, sofreram triplamente. Inicialmente, pela redução de recursos que acompanhou os diversos ajustes fiscais e deteriorou qualitativamente os serviços sociais básicos. Posteriormente, pela redução do uso de políticas universalistas e pela generalização do uso de programas/projetos sociais extremamente focalizados na relação com seu público-alvo. E, por fim, essas mudanças vieram, quase sempre, acompanhadas de propostas de reformas



sociais explicitamente privatizantes, favorecidas pela falência organizada dos serviços públicos. (MATOSO *apud* SILVA, 2009, p. 22)

O grande problema desta ação é, como afirma Alves (2000, p. 4), em seu artigo *O Futuro do Trabalho*, quando se alega que na medida em que manipula, com vigor, as categorias de temporalidade, o capital como sistema sócio-metabólico, controla a memória e a percepção e, por conseguinte, a subjetividade das pessoas. O autor Stuart Hall (2003, p. 21) sustenta que a estratégia do capitalismo é acabar com as tradições dos povos para impor novas técnicas de produção, de alimentação, vestimentas, etc.

Santos (1983, p. 15), a respeito disto, se expressa da seguinte maneira: “os povos não europeus foram considerados inferiores, e isso era usado como justificativa para seu domínio e exploração”. Este domínio consiste fundamentalmente no alheamento dos trabalhadores, das formas de produção, assim como da sociedade em geral. Alienado, o individuo perde o seu bem maior, a autonomia da criação, que só consegue atingir por meio do trabalho. Konder (1998) refere-se ao assunto da seguinte forma:

O trabalho é a mola do progresso, é a grande fonte das riquezas. Mas os trabalhadores veem que o progresso beneficia seus patrões (e não a eles) e percebem que a riqueza as concentra, sobretudo nas mãos dos que já são ricos. No sistema atual, assinala Marx, o trabalhador produz bens que não lhes pertencem e cujo destino, depois de prontos, escapa ao seu controle. O trabalhador, assim, não pode reconhecer no produto de seu trabalho, não pode encarar aquilo que ele criou como fruto da sua livre atividade criadora, pois se trata de uma coisa que para ele não terá utilidade alguma (KONDER, 1998, p. 34).

Ora, se o trabalhador não tem mais o controle nem a autonomia da produção, e a isto se acrescenta o “fantasma” do desemprego estrutural, o que resta fazer é obedecer às regras e nada mais? A ele compete apenas operar sua função pré-estabelecida pelo capitalista? Procurando amenizar esta disparidade, o governo brasileiro (re) implanta a modalidade de Educação Profissional no rol das políticas públicas, para poder inserir a juventude brasileira (em sua maioria, na busca de um primeiro emprego), num mercado de trabalho cada vez mais competitivo e exigente por quadros qualificados. A problemática que deixa esta questão angustiante entre os professores e profissionais envolvidos nesta modalidade de educação é justamente compreender de que maneira



seria possível estabelecer uma educação integrada, em que se possa harmonizar a carga horária, densa nos cursos profissionalizantes e a qualidade do ensino.

A partir do Governo Lula, o Ensino Profissional tem sido revestido de uma nova proposta. Partindo das teorias marxistas, esta modalidade muda principalmente em seu caráter de formar capital humano para criar seres pensantes e críticos. O que Frigotto nomeia de “cidadão produtivo”, aquele que não é apenas um operador, fazedor de tarefas, mas um ser que participa com ideias intervencionistas não apenas em seu local de trabalho, mas também na comunidade em que ele está inserido. A educação profissionalizante se torna mais humanizada, ao menos na teoria.

### 3 Cartografia e tecnologias digitais como dispositivos para o ensino de Geografia

Atualmente, o componente curricular Geografia está repleto de ferramentas metodológicas que ajudam a tirar seu estigma de disciplina enfadonha e decorativa. Estas novas ferramentas, ligadas à pesquisa científica e utilizando tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), contribuem no entendimento dos alunos na interpretação e (re) conhecimento do universal e do local, que constituem o espaço geográfico. Dentre estas ferramentas se encontra a mais antiga usada pelos geógrafos e desprestigiada em sala de aula, a cartografia. Segundo Lacoste (1988), a cartografia é:

muito mais que uma série de estatísticas ou que um conjunto de escritos, a carta é a forma de representação geográfica por excelência; é sobre a carta que devem ser colocadas todas as informações necessárias para a elaboração de táticas e estratégias. [...]. A produção de uma carta isto é, a conversão de um concreto mal conhecido em uma representação abstrata, eficaz, confiável, é uma operação difícil, longa e onerosa [...]. A confecção de uma carta implica num certo domínio político e matemático do espaço representado, e é um instrumento de poder sobre esse espaço e sobre as pessoas que ali vivem. (LACOSTE, 1988, p. 23)

O estudo utilizando as representações espaciais permite uma melhor abrangência do ordenamento espacial, fazendo com que o aluno tome conhecimento e domine o espaço geográfico. O Mapa é uma representação codificada de um determinado espaço real



(ALMEIDA e PASSINI *apud* STEFANELLO, 2009, p. 93). O estudo da cartografia vai muito além da *localização* de um elemento cartográfico ou de um fenômeno, mas na interpretação completa e correta das informações contidas nos mapas, as quais são codificadas [...]” (STEFANELLO, 2009, p. 93).

É consenso entre órgãos oficiais e não oficiais da educação, que o seu objetivo é de contribuir para a construção da cidadania. Mas qual cidadania? Em uma sociedade tão desigual como a brasileira, é possível construir esta cidadania? Conhecer os alunos, as representações sociais e os saberes que trazem constituem, no mínimo, o primeiro passo que os professores e profissionais em educação têm que dar em direção a edificação de jovens proativos em suas comunidades, comprometidos com uma atitude cidadã. Justamente o que temos procurado realizar no curso técnico em Análises Clínicas do PROEJA Médio de Barra do Choça - BA.

#### 4 Conclusão

Ao finalizar essa discussão, em que se questiona a possibilidade do estabelecimento de uma educação integrada, harmonizando a carga horária do Proeja-Médio com a qualidade do ensino, é esperado que as disciplinas do eixo tecnológico das Ciências Humanas tenham algum sentido concreto no cotidiano dos educandos. A partir das ações que vêm sendo realizadas com os alunos do curso técnico em Análises Clínicas do PROEJA Médio, espera-se que eles possam analisar o mundo de forma mais ampla, não apenas no senso comum, mas com uma base teórica/científica. Espera-se fomentar nos estudantes o interesse pela pesquisa cartográfica, a partir das ferramentas digitais, a fim de que eles possam elaborar ações efetivas em suas comunidades, passando a agir de maneira ativa na sociedade. O que constitui um objetivo primordial da educação, em especial na modalidade profissional.



## Referências

ALVES, Giovanni. Artigo: **O futuro do trabalho**. Fonte: Revista Autor. Ano V - nº 50 – Agosto/2005. Disponível em: <http://www.revistaautor.com.br/artigos/2005/50gal.htm>. Acesso em 23/08/2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. Ed. RJ: DP&A, 2006.

KONDER, Leandro. **Marx – Vida e obra**. – São Paulo: 1998.

LACOSTE, Yves. **A geografia – isto serve, em primeiro lugar, para se fazer a guerra**. 8. ed. São Paulo: Papirus, 1988.

SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura. **O BRASIL – Território e sociedade no início do século XX**. 11. ed, Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA, José Humberto da. , **Os filhos do desemprego: Jovens itinerantes do primeiro emprego**. 1. ed. Brasília: Liber Livros 2009.

STEFANELLO, Ana Clarissa. **Didática e avaliação da aprendizagem no Ensino de Geografia**. 1. ed. São Paulo: Saraiva 2009.